

Suplemento Cultural

GERMANO DE BARROS SOUZA: MÉDICO, SOLDADO E POETA

RAQUEL NAVEIRA – vice-presidente da ASL

Conduzida pelas mãos seguras de meu avô português, o Carvalhinho, subimos a avenida Y Juca Pirama, nome de um poema de Gonçalves Dias. Era uma avenida de paralelepípedos, com um canteiro de árvores ao centro, figueiras de folhas pequeninas que soltavam lacerdinhas na hora do crepúsculo. Antes de chegarmos ao Colégio Estadual, projeto futurista do arquiteto Oscar Niemeyer, viramos numa rua transversal. Chegamos a um sobrado amarelo com uma escada lateral. No topo, ficava a biblioteca do Dr. Germano. Germano de Barros Souza, o poeta; o médico conhecido como profissional ético, humanitário, cheio de compaixão pelos humildes; o estudioso da literatura brasileira. Ele, vestido de branco; pele morena, cabeça grande, marca do nordestino, pois era natural do Piauí, onde nascera em 1918; as sobrancelhas brancas; a voz melancólica e pausada; o semblante com rugas fundas, tudo nele transparecia bondade e inteligência. Mostrou-nos, então, as coletâneas dos românticos, destacando Junqueira Freire; os contos de Brenno Acyolli; os livros da *Pedra do Reino* de Ariano Suassuna, com quem convivera na juventude; um ensaio sobre o polêmico Augusto dos Anjos. A um canto, uma medalha do mérito militar, pois era um soldado, um combatente do bem, coronel reformado do Exército brasileiro. Numa outra prateleira, exemplares de antigos suplementos culturais. Perguntou quais eram minhas referências de leituras e respondi citando de Castro Alves a Carlos Drummond de Andrade.

Ele sorriu, satisfeito, enquanto Dona Sila, sua

esposa, fina artista plástica, nos observava com seus olhos argutos e azuis. O cheiro do café parecia penetrar nas páginas dos livros e dentro de mim explodiu uma certeza, uma emoção: estava diante de um poeta-filósofo. Que presente merecer ouvir dele, naquela tarde, este inesquecível soneto intitulado “Conselhos Paternos”, um clássico dentro de sua obra:

Segue, meu filho, ao longo do caminho
Que o destino em teu nome tem traçado;
Entre rosas encontrarás o espinho
Nas folhagens às vezes camuflado...

Terás teus companheiros, mas cuidado,
Porque não podes ser adivinho;
Se a sorte é boa, serás cortejado
E se é má, ficarás quase sozinho...

No amor existem muitas frustrações
E sonhos que não passam de miragem
Prazer no início e depois decepções...

E enquanto o tempo célere se esvai,
Um dia lembrarás pela viagem
Dos conselhos sábios do teu pai.

Poesia é mesmo consolo, compensação pelas ciladas da vida, refúgio das frustrações, explicou-me aquele que, após seu falecimento, em 1986,



DR. GERMANO DE BARROS SOUZA – cofundador da ASL, um amante da Literatura, que nos legou saudade e belos sonetos

“

Germano de Barros Souza, o poeta; o médico conhecido como profissional ético, humanitário, cheio de compaixão pelos humildes; o estudioso da literatura brasileira”

tornou-se nome de rua e de auditório no Centro de Convenções Arquiteto Rubens Gil de Camilo. Quando descemos as escadas e saímos do paraíso-biblioteca do Dr. Germano, a noite do centro-oeste já estava estrelada.

NO VELHO MATO GROSSO DE ANTIGAMENTE

Parecia-lhe que todos os seus afetos, amortalhados no seu coração, emurcheciam como frutos que ninguém havia desejado colher.

Grazia Deledda

GERALDO RAMON PEREIRA

O homem mais parecia bicho. Enorme janelas de dente na boca sarcástica. Bigode eriçado grudado de sarro do pito de palha. Barba emendando o bigode com as costeletas. Olhos profundos, miúdos e triangulares, lembrando olhos de cascavel. Nariz adunco e ofegante. Cabelos desapareados e sujos, amassados de baixo do rústico chapéu de couro. “Chapéu de Couro” era também o seu nome de bandido.

Ambos os revólveres eram 44, para não desequilibrar a guaiaca. Porém, um era negro como sua índole lombrosiana, o outro cromado qual o brilho de morte que acendia no seu olhar. Além dessas armas, o punhal língua-de-tamanduá, enfiado sob o cinturão, e o facão “jacaré” dependurado no mesmo cinturão pesado de balas. Na mão esquerda, o cabo do relho, de tentos trançados e terminando por três fios cortantes. Para cortar couro de gente. Quase sempre, gente humilde. Isto porque os

valentes corriam dele.

“Chapéu de Couro” pisava com botas de cano alto, riscando o chão com esporas de pontas reluzentes. Culotes apertados exibindo os músculos das pernas fortes. Camisa abotoada ao pulso grosso. Pescoço de touro, rasgando o pala descorado. Atado ao gogó, o lenço cor de sangue. Por baixo do pala, o tirador de couro curtido, bem ajustado à cintura delgada.

Cavalo bem aperado, forte e fofoso como o dono. Como este, habituado a arruaças e tiros. Pacioso nas longas esperas, todavia exímio corredor nas necessidades... Quando preciso, passava um dia ou mais sem comer e beber. Contudo, Pangaré compreendia e era amigo de “Chapéu de Couro”.

O bandido entrou galo no bar do Mané. Até as bebidas estremeceram na prateleira. Muitos já foram fugindo pela outra porta e seu Mané já foi baixando para ele a melhor cachaça.

– Esta eu guardei para o senhor, meu amigo! “Chapéu de Couro” fechou atrás de si a porta por onde entrara, empurrou com a bota a mesa de bilhar para interditar a outra porta. O primeiro homem que quis abrir a boca teve seu intento tolhido por uma bala. Caiu ao pé de mais dois, que tremiam com revólver e tudo. “Chapéu de Couro” encheu dois copos

com pinga, cuspiu dentro, misturou com o cano fumegante do revólver e bufou:

– Agora vocês vão beber comigo, meus camaradas!

– Isso nunca, seu filho da...

Outra bala evitou o palavrão. O terceiro homem atirou a pinga na cara do monstro e recebeu na sua o terceiro tiro de “Chapéu de Couro”. Seu Mané, nessas alturas, já havia descido quase toda a prateleira de bebida para o “seu amigo”. Este falou macio ao dono do boteco:

– Tá me achando com cara de pau-d’água, seu... Pois agora é você que vai beber essa cachaça toda, garrafa por garrafa, se não...

Rosa Maria, linda prenda filha de Mané, foi entrando e, fitando nos olhos do bandido, falou com ternura:

– Pelo amor que sabe que lhe tenho e nunca tive coragem de revelar a ninguém, não faça nada com meu pai... Sou capaz de ir com o senhor agora, para onde o senhor quiser...

Daí a pouco, um casal de pais com sorrisos tristes – e de olhares fixos na mesma direção – vislumbra o esvoaçar dos cabelos da única filha, que desaparecia na garupa de um homem mau – agora talvez de bem, graças ao amor! – na curva de um novo caminho...

A morte nossa de cada dia

LUCILENE MACHADO

Desperto para mais um dia. Tudo igual. Cruzo com as mesmas pessoas, os mesmos rostos, os mesmos olhares... passo pelas mesmas ruas com a mesma pressa e, sem reparar muito, vou atravessando o tempo sem criar espaço para desenhar a vida, porque a vida é uma grande pergunta, sem ponto de interrogação, cuja resposta não consegue alcançar o sentido existencial.

Cada dia morro um pouco com o sentimento de culpa de não ter vivido o que eu gostaria, das escolhas que fiz em nome de outros e para o bem de outros, de ter me acomodado ao primeiro trabalho que me deu sustentabilidade e não ter feito nada para contrariar tudo isso.

Gostaria de pensar, como muitos, que a morte é apenas um acontecimento que haverá de vir algum dia e não esse peso que se carrega cotidianamente para aonde quer que se vá. Queria um pensamento que não comportasse o desejo de conhecer qual foi a morte de hoje.

Uma ingenuidade que eu gostaria de ter, mas a literatura destrói essa possibilidade, coloca o leitor face a face consigo mesmo e já não resta alternativa senão a de olhar nos próprios olhos.

Diante desse espelho, me emudeço. Silêncios pesam sobre minhas pálpebras. Apenas uma tarde dentro dos olhos. Uma tarde verde que não aconteceu. Quantas horas perdidas modelando uma esperança? A infinita ternura da minha insônia. Os olhos semi-cerrados vigiam o tempo sonhando surpresas que talvez nunca venham. Os desejos vão ficando mecânicos. Perdas irreparáveis. Arrependo-me por não ter amado mais quando podia. O viver intenso me escapou, apenas a saudade penetrando a superfície. Nego-a veementemente. Já até desenvolvi uma habilidade em me autoenganar. É uma espécie de suicídio. Vai-se matando a própria afetividade, pouco a pouco para não doer tanto e depois, supõe-se, a vida volta a ser bela.

Há muito cansaço no ar. Um cansaço que vem das casas vizinhas abrindo clareiras na cidade adormecida. É a triste paz da noite sobre as ruas. Há vezes caladas sobre o asfalto. Flores caídas sobre as calçadas. Cristais quebrados de um azul de lua. É doloroso morrer sozinho, sobretudo em outubro quando as flores oferecem perfume ao vento. Mas a vida é feita de mortes. Pequenas mortes que vão matando a inocência e cobrindo de luto as tardes verdes.

Amanhã, quando a aurora voltar, será tudo igual. Todos dispersos pelo mundo, enfrentando a selva, o imprevisto, o grito. Amanhã seremos todos selvagens. Embora de uma mesma espécie, cada um em sua jaula. Cada um vítima de uma serpente que devora o lirismo do dia a dia. Amanhã seremos dirigidos pela insignia da vaidade e das ausências. O hoje será apenas uma imagem de um álbum fictício empoeirado. E eu continuarei a representar aquela que não sou, enquanto morre um pouco aquela que sou.

POESIA

O DOUTOR JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES É UM PILAR IMORTAL DA ACADEMIA



ACAD. JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES, cofundador da ASL

Honra-nos saudar um dos fundadores
Desta gloriosa Academia de Letras
E confessar-lhe nestes versos extras
O quanto amamos esses três senhores...
No afã de abraçar nossos precursores,
Com a alma fervendo de alegria:
O Ulisses e o Germano, em nostalgia,
E o terceiro, presente em nossas fronteiras:
O doutor José Couto Vieira Pontes
É um pilar imortal da Academia.

Há quarenta e seis anos, Campo Grande
Viu nascer o jardim da sua cultura,
Da semente da grã-literatura
Que Ulisses plantou em fértil estande,
Com a palavra que ainda hoje se expande
Na sul-mato-grossense poesia,
Alumbrando este Estado de magia,
Pra dizer aos longínquos horizontes:
O doutor José Couto Vieira Pontes
É um pilar imortal da Academia.

José Couto, das letras, da justiça,
Defensor dos direitos do Estado,
Professor, escritor mui consagrado,
Poliglota e da prosa mais castiça,
Homem probo, humanista e sem cobiça,
Venerado por sua sabedoria,
Presidiu com amor e maestria
Esta Casa de letras, desde as fontes...
O doutor José Couto Vieira Pontes
É um pilar imortal da Academia.

Ele sempre doou o seu nobre tempo
À cultura, à boa prosa e à educação,
Tudo fez para que a publicação
Dos confrades tivesse bom assento,
Para isso criou o Suplemento
No Correio do Estado, em cortesia,
E ainda enverga o fardão na alegoria
Da medalha no peito, orgulho aos montes...
O doutor José Couto Vieira Pontes
É um pilar imortal da Academia.

Hoje, os bardos que habitam o Sodalício
Literário, das artes formosura,
Panteão da matriz Literatura
E da Flor que no Lácio teve início,
Cuja arte das letras é o ofício,
Têm o orgulho de tê-lo em companhia,
Como um deus da novel mitologia,
Bem mais forte que dez mil Xenofontes:
O doutor José Couto Vieira Pontes
É um pilar imortal da Academia.

Por tudo isso, fundador Vieira Couto,
Receba este preito de gratidão,
Na glosa agalopada deste irmão,
Um tanto guaicuru, clássico e louco,
Que por saber que tudo isso é tão pouco,
Acrésceta nesta justa honraria,
Dos confrades da neodiretoria
E dos demais, abraços mastodontes...
O doutor José Couto Vieira Pontes
É um pilar imortal da Academia.

JOSÉ PEDRO FRAZÃO